

GAVETA-VITRINE: MATERIALIDADES DO TEMPO NOS OBJETOS E NA ESCRITA

BIANCA DE-ZOTTI¹; HELENE SACCO².

¹ Universidade Federal de Pelotas – biancadelzotti26@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo está vinculado à pesquisa de mestrado, que se encontra em andamento, “A leitura e a escrita como formas de sobrevivência do lugar”, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, ligada ao Grupo e Projeto de Pesquisa Lugares-Livro: dimensões materiais e poéticas sob coordenação da Profa. Dra. Helene Sacco, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGARTES/CA/UFPEL).

O trabalho investiga como as questões autobiográficas moveram o processo de criação da produção poética Guardar à Espera (2025), que consiste em uma gaveta-vitrine, realizada a partir da escrita de um conto ficcional. Pensando sobre as materialidades autobiográficas incorporadas ao trabalho, objetiva-se refletir sobre as contribuições poéticas do processo de criação autobiográfico para a pesquisa realizada. Como metodologia, me apisco na Pesquisa Autobiográfica em Arte, conforme a professora e pesquisadora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2018), (2021) e (2023).

A partir de Georges Perec (2001) e Franz Kafka (1999), elaboro a ideia de sobrevivência a partir da palavra e dos objetos, refletindo também sobre como as narrativas e histórias inscrevem os sentidos dos lugares no mundo. Nesse sentido, abordo uma ideia de sobrevivência ao esquecimento, um modo de ultrapassar a ação do tempo e de se contrapor ao inevitável fim das coisas.

2. METODOLOGIA

A Pesquisa Autobiográfica em Arte, conforme a professora e pesquisadora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2021), parte da investigação do deslocamento da pesquisa autobiográfica para a área de Artes, em pesquisas baseadas na prática artística. Nesse sentido, essa metodologia foca nas experimentações poéticas com o uso de fontes e materiais autobiográficos através de múltiplas linguagens, materialidades e imaterialidades (Rodrigues, 2021). A autora (2021) afirma que essa abordagem em relação ao trabalho artístico e à pesquisa autobiográfica é capaz de conectar experiências individuais e coletivas, enfatizando os processos de criação que entrelaçam vida, mundo e pesquisa em arte.

Nesse sentido, a autora (2023) aponta que uma das principais contribuições que artistas podem oferecer aos novos diálogos entre os campos da Arte e dos Estudos Autobiográficos, principalmente nesse contexto de pesquisa em arte com demarcada intencionalidade autobiográfica, são as materialidades e imaterialidades autobiográficas, isto é, as relações que se estabelecem entre matéria e conteúdo nas proposições artísticas autobiográficas que geram novas formas de acesso e novas expressões da experiência, das histórias de vida e da sensibilidade. Para Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2023), as

experimentações autobiográficas na arte atravessam o trabalho da/o artista com a matéria, ou com o desafio de materializar o imaterial.

Em meu processo de criação artístico, percebo que a autobiografia emerge incorporada à ficção, da mesma forma que intercalo palavra e imagem. Ao me debruçar sobre o meu modo de operar no contexto da criação poética, percebo que, ao escrever ficção incorporo detalhes autobiográficos e, ao escrever um relato autobiográfico, incorporo detalhes ficcionais. O autobiográfico emerge incorporado ao processo de criação da obra, sendo fragmentado e desfigurado por ela. Essa percepção partiu, principalmente, do processo de criação do trabalho “Guardar à espera” (2025), um conto em que uma casa antiga prestes a ser demolida é a narradora das histórias de vida que já passaram por ali.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto “Guardar à Espera” engloba através da ficção discussões que teço de forma teórica ao longo da pesquisa. Essa também foi a minha maneira de responder a algumas perguntas da pesquisa: Como a casa escreve a vida, a ideia da casa como criação, a sobrevivência do lugar pela palavra, bem como a busca por outros modos de pesquisar, outras formas de dar a ver o objeto de pesquisa, pensando uma escrita acadêmica que também percorre o entre-lugar da literatura, da ficção e da criação. Nesse conto, a casa se torna narradora. É uma casa antiga, prestes a ser demolida por conta de um processo de gentrificação, que deseja deixar uma marca no mundo como sua última despedida.

Em minha dissertação, pesquisei a leitura e a escrita do lugar não só como uma prática artística, mas também como uma forma de sobrevivência dos lugares pela palavra. Porém, até a criação deste trabalho, nunca tinha me ocorrido a ideia de escuta da casa também como uma forma de sobrevivência do lugar. Georges Perec (2001), no livro “Especies de Espacios”, escreve que gostaria que houvesse lugares estáveis, imóveis, imutáveis, mas tais lugares não existem. O espaço está sempre em dúvida: continuamente precisamos marcá-lo, designá-lo; nunca é meu, nunca me é dado, tenho sempre que conquistá-lo. Nesse sentido, conforme o autor (2001), escrever é uma tentativa de sobrevivência do lugar, de deixar um rastro.

Após a escrita desse conto, passei a pensar sobre a materialidade desse trabalho, de que forma eu poderia levar o conto à apresentação e exposição. Meu desejo era criar uma composição junto com papéis, fotografias, tudo aquilo que fica no fundo da gaveta. Em certo momento do texto, a casa apresenta o seu “quartinho da bagunça”, onde tem vários objetos que vão ficando entre as mudanças dos moradores. Queria que houvesse como transmitir a sensação de adentrar esse quartinho da bagunça cheio de memórias. A partir dessa ideia de como representar a bagunça, minha orientadora Helene Sacco me provocou a olhar os lugares que resistimos em arrumar com frequência, como as gavetas. Assim, chegamos na ideia de uma gaveta-vitrine, com um vidro na parte superior da gaveta, na qual eu poderia expor essa bagunça.

Na base inferior, o fundo da gaveta, realizei uma colagem com fotografias, documentos antigos, anotações feitas no verso das fotografias, entre outros registros encontrados em meio às coisas das minhas avós materna e paterna. Esses registros representam os vestígios de vida, rastros da intimidade de alguém, coisas que às vezes possuem algum valor pessoal, apesar de serem tão banais a ponto de estarem deixadas no fundo da gaveta. Representam também uma forma de sobrevivência das nossas memórias, pequenas coisas que

queremos proteger do tempo. Ou então, que vão ficando em nossas gavetas sem que a gente perceba, e então se tornam um vestígio de algo que já passou.



Figuras 1 e 2. Gaveta-vitrine Guardar à Espera, 2025, Bianca De-Zotti. Fonte: Bianca De-Zotti

Enquanto eu selecionava esses registros e os organizava na gaveta, percebi o quanto singular era esse gesto de remexer caixas, objetos, fotografias, documentos, reunir, arquivar, selecionar. De alguma maneira, me senti como uma narradora da história da minha família. Percebi que eu sou o único ponto de conexão entre essas pessoas, reunindo memórias dos lados materno e paterno. Pessoas que, em sua maioria, nunca se encontraram pessoalmente, agora compartilham o mesmo espaço nessa gaveta. Emaranharam-se inúmeras histórias de vida, acumulam-se em camadas nos cantos. E, assim, cria-se um outro tempo dentro dessa gaveta, onde todas essas histórias conseguem se encontrar e conviver simultaneamente. Além das fotografias, também acrescentei alguns pequenos objetos, remetendo às coisas que vão ficando em nossas gavetas, tenham elas valor emocional ou não. Não escolhi esses objetos por acaso, eles possuem um sentido de estar ali.

No conto “A Preocupação do Pai de Família”, de Franz Kafka, o narrador conta sobre um misterioso ser que se chama Odradek, que tem o formato de um carretel de linha achatado e em forma de estrela, revestido de fios, pedaços de linha rebentados, velhos, atados uns aos outros, além de emaranhados e de tipo e cor os mais diversos. O objeto possui domicílio incerto e habita pelos cantos da casa, no sótão, escadaria e corredores: “Às vezes fica meses sem ser visto; com certeza mudou-se então para outras casas; depois porém volta infalivelmente à nossa casa” (KAFKA, 1999, p.74). O narrador então se pergunta se esse objeto irá sobreviver à ação do tempo e ultrapassar a sua própria existência: “Inutilmente eu me pergunto o que vai acontecer com ele. Será que pode morrer? [...] Evidentemente ele não prejudica ninguém, mas a idéia de que ainda por cima ele deva me sobreviver me é quase dolorosa.” (KAFKA, 1999, p.75)

Odradek, então, representa essa ideia de sobrevivência ao esquecimento, de que os objetos podem ultrapassar a ação do tempo e sobreviver ao longo de diferentes gerações como seres que fazem parte da casa, tanto quanto, ou até mais do que nós. Como aqueles objetos guardados que ficam à espera: presenças especiais que existem apenas quando são percebidas, senão, podem permanecer ali em silêncio por uma quantidade indeterminada de tempo até que alguém os perceba. Através da gaveta, busquei representar justamente esses rastros das vidas que já passaram pela casa retratada no conto e que sobrevivem como pequenos fragmentos pelos cantos da casa, assim como Odradek: um

emaranhado de linhas, sem aparente importância ou utilidade, que restam e permanecem e, por isso, materializam a relação com a passagem do tempo.

4. CONCLUSÕES

Escrever, narrar, guardar, arquivar, fazem parte de uma atitude perante a finitude das coisas que chamo aqui de sobrevivência. A palavra sobrevivência expressa não apenas a manutenção da vida, mas também o seu potencial de prolongamento além do tempo, como uma medida diante do inevitável fim das coisas. Logo, esse olhar sobre a maneira como habitamos os lugares permite que possamos perceber a nossa relação com o mundo, com as pessoas, com o tempo. Por isso, defendo que a casa é uma escrita da vida de seus moradores. A casa é, também, uma criação.

Essa abordagem permite que se revele uma forma particular de olhar o espaço, pensando a materialização e ressignificação da memória no presente através de um fazer poético que parte da investigação do lugar, como um processo de escavação das memórias que se acumulam pelos cantos da casa e, assim, busca traduzir essas experiências no trabalho artístico. As memórias do lugar são atualizadas, construídas, inventadas, adquirem outros sentidos e permanecem, sobrevivendo através do fazer poético e dessa outra forma de percepção do espaço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KAFKA, Franz. A preocupação do pai de família. In: Um médico rural. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PEREC, Georges. Especies de espacios. Barcelona: Montesinos, 2^a ed., 2001.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; WILHELM, Vera Regina Barbuy; CHAUD, Eliane Maria. Coexistência: a exposição de arte como lugar de pesquisa, ensino e extensão. Revista UFG, Goiânia, v. 18, n. 22, 2018. DOI: 10.5216/revufg.v18i22.51704. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/51704>. Acesso em: 13 maio. 2025.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA EM ARTE APONTAMENTOS INICIAIS. Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 95-129, 27 maio de 2021. Zenodo. <http://dx.doi.org/10.5281/ZENODO.4818090>. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/11364>. Acesso em: 13 maio. 2025.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; BARRA, Luiza Domingos; SOUZA, Kassius Bruno. DIMENSÕES ARTÍSTICAS DO ESPAÇO BIOGRÁFICO.. In: Formas de Vida - Anais do 32º Encontro Nacional da ANPAP. Anais...Fortaleza(CE) IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/668563-DIMENSOES-ARTISTICAS-DO-ESPACO-BIOGRAFICO>. Acesso em: 13 maio. 2025.